

Org. Mateus Albino - Matteo Luison

EVANGELHO SEGUNDO JOÃO

Matéria Literatura Joanina
Profº Shige Nakanose

ITESP



- JESUS E A SAMARITANA -
Jo. 4,1-30.39-42



Dados introdutórios

Esta perícopa faz parte do “Livro dos Sinais e dos Discursos da Revelação”. É possível reconhecer dois níveis de reflexão: o tema da diferença étnica e religiosa, e a abertura da experiência de fé no seio das comunidades joaninas. Um aspecto que caracteriza esta perícopa é que o mistério da revelação se dá de forma gradual, por meio da articulação de elementos históricos (relação entre judeus e samaritanos, a memória de Jacó, etc.), religiosos (a figura de Moisés, a espera do Messias-profeta, etc.) e da vida cotidiana (a água, o marido, o lugar de adoração, etc.). Na medida em que Jesus suscita o interesse da samaritana, o autor do texto introduz os seus leitores/as num caminho catequético de revelação. Para isso, o texto apresenta fortes alusões ao Antigo Testamento. Os versículos 31-38 constituem um *acrescimo* e, portanto, não serão considerados no nosso trabalho.

Estrutura do texto

Entre os estudiosos não há uniformidade quanto à estrutura do texto. J. Konings divide o texto em três partes (incluindo também os versículos referentes aos discípulos). Assim resultaria a estrutura:

- 1) Jesus e a Samaritana junto ao poço de Jacob (4:1-26);
- 2) Jesus e os discípulos (4:27-38);
- 3) Jesus e os samaritanos, que passam a crer nele (4:39-42).

F. Manns, apresenta uma estrutura diferente e mais detalhada:

- 1) A. 1-6: A caminho da Galileia, passagem pela Samaria;
- 2) B. 7-15: Jesus pede de beber à Samaritana. Diálogo sobre as duas águas;
- 3) C. 16-18: Revelação-testemunho de Jesus sobre a Samaritana;
- 4) D. 19-26: Adoração em Espírito e em verdade;
- 5) C'. 27-30: Revelação-testemunho da Samaritana sobre Jesus;
- 6) B'. 31-38: Os discípulos pedem a Jesus para comer. Diálogo sobre os dois alimentos (*acrescimo*);
- 7) A'. 39-42: A aceitação de Jesus por parte dos Samaritanos, mostrando o resultado da sua passagem.

Situando o texto

1 – Os samaritanos

No tempo de Jesus, os samaritanos eram considerados “ímpuros” e “inimigos” (Esd 4:1) dos judeus, tanto que estes passavam pelo outro lado do rio Jordão para ir à Galileia (Lc. 9:51-55); paralelamente, as comunidades de Mateus davam aos missionários indicações para não entrar nas cidades dos samaritanos (Mt. 10:5). Mas, onde está a origem desse estado de coisas na relação entre samaritanos e judeus? Porque tanta desconfiança, preconceito, hostilidade e rejeição?

O AT registra antigos conflitos entre a tribo de Judá e as tribos do norte, mas o primeiro acontecimento realmente significativo foi a queda da Samaria em 722 a.C. (2Rs 17:6.24). Os assírios deportaram os habitantes daquela região e forçaram outros povos a se instalarem ali. Isso provocou uma mistura tanto cultural quanto religiosa. Após a queda de Jerusalém, em 597 a.C, no norte como no sul, os camponeses se organizaram de forma descentralizada, tendo como referencial religioso o antigo templo de Masfa (cf. Jz 20:1; 1Sm. 7:5; 10:17; Jr. 40:7-12).

No pós-exílio, com a reconstrução de Jerusalém e do templo, reformou-se o sistema religioso de Israel sobre parâmetros nacionalistas e legalistas. O monoteísmo foi preservado e renovado a partir de uma estrutura teocrática, fundada sobre o comprimento estrito da lei – sobre tudo a do “puro-impuro” -, a fé em Javé como Deus único, sobre o sistema de tributos para o templo e a intolerância étnica (Esd. 4:4).

Essa realidade provocou a migração dos habitantes mais pobres do sul para a região da Samaria, onde cerca do ano 328 a.C. construíram o templo no monte Garizim (870 metros, a 3 km de Siquém), em contraposição ao poder de Jerusalém (Zc. 11:14). Esse fato fez aumentar a inimizade dos judeus para com os samaritanos (Eclo. 50:25-26).

A relação continuou sendo conflitiva, repetindo-se os atos de violência e agressão de uma parte e da outra. Basta lembrar, como exemplo, que em 128 a.C João Hircano, rei dos judeus, devastou a Samaria e destruiu o templo de Garizim, obrigando os samaritanos à circuncisão e restringindo o culto ao Templo de Jerusalém. Foi tudo isso que fez crescer o ódio dos judeus contra os samaritanos, considerados “inimigos” e desprezados. Na época de Jesus, ser chamado de “samaritano” era considerado um insulto (Jo. 8:48).

Comentando o texto

2 – Hora sexta (= meio dia)

A mesma frase é usada na hora da condenação de Jesus frente a Pilato. Há um claro contraste entre o Nicodemos que vai encontrar Jesus de noite e o encontro com a samaritana que acontece no meio dia.

3 – Fonte / Poço / Água viva

O uso da palavra “água” ocupa um lugar privilegiado em João 2-4, uma seção do Evangelho que apresenta uma progressão da idéia sobre o símbolo da água. A idéia começa em João 2 e tem o seu clímax em João 4 com o encontro entre Jesus e a mulher samaritana; a chegada à Galiléia e a Caná (João 4:45-46a) encerra o itinerário iniciado por Jesus em João 2:1. Dessa forma, a idéia completa está, certamente, no final desta montagem histórica em (João 4).

Os dois termos “FONTE” e “POÇO” alternam, como em (Gn 24 – poço de Nacor), que nos indica ter influenciado bastante João no seu capítulo quarto. Entretanto a dupla terminologia pode ser intencional, pois não se trata de um poço de água parada, mas com uma mina de água corrente localizada ao fundo do poço. Esta dupla terminologia indica uma aparente confusão em relação ao termo “ÁGUA VIVA”.

Jesus promete “água viva”. Expressão que pode ser entendida sob dois aspectos: o primeiro é a água fresca e corrente da fonte; o segundo pertence a “uma considerável rede de usos metafóricos” (CARSON, 2007, p. 219). Como uso corrente, a água tem alto valor em regiões áridas e secas, é o caso das terras judaicas -, para saciar a sede de homens e animais, e irrigar a plantação. O ambiente em que vive o povo destas regiões favorece o uso metafórico religioso da expressão “água viva”, ou “água da fonte” “simbolizando fundamentalmente a vida, a qual, no caso do homem é sempre compreendida como uma realidade [vinculada] ao próprio Deus e implicando, além do fato de existir, o pleno desabrochar de todo o ser” (DUFOUR, 1996, p. 273).

Ao indicar “ÁGUA VIVA”, João não se refere à água da mina no fundo do poço, mas a água do batismo e tudo que o batismo significa, ou seja, a água que dá a vida eterna, isto é, a renovação, a salvação, o Espírito (Cf. 7,38). É importante fazermos memória que, no Antigo Testamento, “Água Profunda / Água viva” representa a sabedoria e a lei, como também o espírito de Deus. Logo esta sabedoria que é Jesus revelado deixa o humano com sede de sabedoria, que agora é o próprio Jesus. Portanto, Jesus assume o papel central, tornando-se mais importante que Jacó e a sabedoria dos livros bíblicos.

Situando o texto

4 – A mulher

No meio do judaísmo rabínico a mulher tinha um lugar secundário, provavelmente mais marginal que em épocas anteriores. A comunidade joanina era uma comunidade mista. As mulheres eram uma presença marcante e são apresentadas ao longo do evangelho de João como modelos de seguimento de Jesus: Maria a mãe de Jesus (2:1-12; 19:25-27), a mulher samaritana (4:1-42), Marta (11:17-27), Maria de Betânia (12:1-8) e Maria Madalena (20:11-18). A mulher torna-se um símbolo da comunidade: são fiéis no discipulado, não desanimam frente às dificuldades, são corajosas e assumem as próprias responsabilidades, são capazes de denunciar a opressão e a injustiça.

No final do século I as comunidades cristãs estavam se institucionalizando e a tendência machista era forte (1Tm. 2:9-15). Pode ser que esta sensibilidade e abertura nas comunidades joaninas tenha sido provocada também pela interação com o judeu-helenismo e o mundo grego. O simbolismo da mulher serve para criar uma contratendência, para afirmar a participação ativa das mulheres na vida e organização das comunidades.

A partir de uma leitura feminista no quarto evangelho, emergiu a figura do “discípulo amado” como uma “personagem aberta”. Isto é: como figura qual anonimato pode ser preenchido por um leitor ou por uma leitora. Portanto, também uma mulher pode projetar-se e identificar-se com o discípulo amado.

5 – Marido / Adoração

O termo “Marido” empregado por João pode ser uma referência aos diversos cultos que havia entre o povo Samaritano. Quando as elites da Samaria foram deportadas, os assírios colocaram na cidade cinco povos diferentes e cada um trouxe consigo seus costumes e sua religião (cf. 2 Rs 17:24-31). O “sexto marido” pode estar se referindo à imposição da religião oficial de Jerusalém desde o tempo de João Hircano (128 a. C). Neste sentido o texto aponta para uma nova forma de adoração: “os verdadeiros adoradores vão adorar o pai em espírito e verdade” (4,23). Rejeita-se a religião oficial tanto de Jerusalém quanto de Garizim. Logo, tanto o templo de Jerusalém e o do Garizim, como o judaísmo puro e tradicional, ou a versão “adulterada” oferecida pelos cultos samaritanos, todas estas formas de religião estão na esfera da “carne”. Ao contrário, Cristo inaugura o culto em *pneumati*, ou, em termos mais familiares aos leitores helenísticos, o culto “em verdade” (cf. vv. 21-24).

A religião ao nível dos cultos dos templos de Jerusalém e do Garizim (e todos os cultos análogos) opera com o sensível e o material. Esta é a espécie de religião que foi simbolizada pela água “da purificação dos judeus”, e pela água do poço de Jacó, bem como pelo templo que precisa ser purificado (isto é, renovado, ou destruído e reerguido). “Em Cristo, inaugura-se uma nova espécie de religião, simbolizada pelo vinho de Caná, a água viva” que ele dá e o novo templo que ele reedificará. É agora definida em termos explícitos: é o culto de Deus “em Espírito” e também em “verdade”, opera com o que é basicamente real, afinal aqui encontramos a relação entre os termos “água viva”, “marido” e “adoração”.

6 – Jesus = profeta / messias

Primeiramente, é preciso distinguir entre a expectativa messiânica dos judeus e a dos samaritanos. Estes últimos descreviam o messias esperado sendo uma figura humana e, portanto, mortal, inspirados pelo texto do Dt. 18:15-18. Acreditavam que “aquele que ia voltar” estivesse sepultado no Garizim, e teria sido uma espécie de Moises redivivo. Para os samaritanos não tinha nenhum valor que o messias fosse descendente de Davi. Pelo contrário, a associação do messias com Moises ressaltava a vocação de “profeta”: alguém que teria dado a conhecer (anunciado) as coisas ainda escondidas. O profeta teria ensinado a Lei (dos samaritanos), revelando assim a verdadeira lei.

Podemos dizer, então, que o messias esperado pelos samaritanos ia ser profeta, revelador e também restaurador. Este último aspecto tinha a ver com a história do povo samaritano e a difícil relação com os vizinhos judeus. Viam no messias aquele que teria acabado com a rivalidade dos judeus, restaurando o culto (em favor dos samaritanos) e afirmando a legitimidade e autonomia religiosa e política da região norte.

Linhas interpretativas para a atualização

O diálogo de Jesus com a samaritana nos convida a desinstalarmos, responder a uma proposta de relação e reconhecimento recíproco entre Deus e nós. Mas, esta proposta tem características. Convida-nos: 1) a descobrir a Deus como Pai; 2) a reconhecer a iniciativa dele na nossa vida – é Jesus quem “pede para dar”; 3) a considerar que “a esperança não precisa ter exatamente a mesma forma em todos os povos [...] o Deus ao qual Jesus aponta “corresponde ao desejo mais profundo da humanidade em todas as suas formas”. O Espírito de Deus vem ao encontro da mina e da nossa esperança e é por isso que se torna água viva que nos vivifica.